

## Capítulo I - A Trajetória

### 1.1. Os primeiros tempos

O fim da II Guerra Mundial trouxe tristezas e alegrias aos judeus no Brasil: junto com a notícia do término dos conflitos chegaram as informações concretas sobre a morte de famílias inteiras nos campos de extermínios nazistas. O ano de 1945 enlutou quase todos os judeus *askenazim*, deixou a coletividade judaica perplexa e só não foi mais cruel, porque trouxe consigo a esperança da efetivação de um Estado judeu na Palestina.

Entre os jovens judeus sensibilizados nutriu-se um sentimento misto de humilhação e revolta pela morte, em tão pouco tempo, de tanta gente *conduzida como cordeiros para o matadouro*, como se dizia na época. A consciência da tragédia que se abateu sobre os judeus, somada às possibilidades históricas de construção de novos destinos para esse povo, uniu e motivou muitos jovens que não só achavam que algo radical precisava ser feito para forjar uma identidade positiva dos judeus (*um povo que sabe lutar*) como faziam questão de contribuir pessoalmente para isso. Humilhação, revolta, vontade de mudar e o entusiasmo provocado pela idéia do Estado de Israel mobilizaram boa parte da juventude judaica no Brasil reunida em grupos que rapidamente se transformavam em movimentos<sup>1</sup> mais ou menos organizados com propostas de novos caminhos para os judeus.

Por outro lado, a questão social estava também no horizonte dos que olhavam para além de sua própria janela. O drama da Guerra era visto por muitos como o estágio final da doença de uma sociedade competitiva, desigual, capitalista. Assim, a inquietação diante dos problemas sociais e dos direitos humanos tornou-se mais intensa nessa época. Nos planos acalentados por jovens judeus para um mundo melhor também ganhavam espaço os ideais socialistas. Entretanto, pensavam, talvez a solidariedade socialista demorasse muito tempo para tomar o mundo, tempo este em que os judeus estariam permanentemente ameaçados, portanto, era preciso resolver com urgência a questão judaica.

Esse quadro, feito também de pinceladas emotivas, surge a partir dos relatos dos fundadores e primeiros integrantes de movimentos juvenis sionistas socialistas no Brasil dessa época.

A idéia sionista - estabelecimento de um Estado Nacional Judeu, preferencialmente na Palestina - crescia na simpatia da coletividade judaica estabelecida no Brasil que, distante do cenário da Guerra, só veio a conhecer sua verdadeira dimensão após a derrota alemã. Uma das conseqüências do Holocausto foi contribuir para o fortalecimento da identificação de interesses comuns entre os judeus e da vontade de colaborar com o coletivo judaico. Os imigrantes que chegavam dos países dominados pelos regimes fascistas e, depois, os refugiados, as vítimas de guerra, as famílias que vinham aos pedaços, podiam contar com a solidariedade de indivíduos e organizações judaicas que atuavam sob olhares desconfiados do governo getulista. Seus relatos pareciam não deixar dúvidas sobre a necessidade de buscar soluções conjuntas que combatessem as causas e os efeitos do anti-semitismo. As informações e as fotografias dos campos de extermínio, divulgadas pelos aliados vitoriosos, por fim tocaram os incrédulos, alienados ou menos sensíveis.

Durante a Guerra não sabíamos muito sobre o Holocausto, só sabíamos o que saia nos jornais e uma ou outra coisa, mas a informação era escassa. O grosso surgiu mesmo após a Guerra: uma avalanche de informações sobre o que tinha acontecido. De certa maneira as próprias famílias acordaram, porque até então viviam no Brasil num torpor tropical ao abrigo da intempérie - um país meio de férias da História (...) [9]

As notícias sobre a Palestina e, posteriormente, a chegada dos enviados que falavam em nome do novo estado judaico contribuíram para reforçar a idéia de que o Estado de Israel significava, além de uma referência territorial para a identidade nacional judaica e de uma garantia de direitos políticos para os judeus que lá vivessem, a segurança que os judeus em geral não haviam tido diante das perseguições sofridas: agora, mesmo os judeus que não morassem em Israel, os da Diáspora, teriam um Estado constituído para defendê-los e um local para onde ir em caso de necessidade.

A resposta [ao Holocausto] parecia óbvia. Só mediante um Estado e um exército nacionais era possível oferecer resistência. (...) Todos os grupos judeus que tinham um pensamento baseado em uma visão não-religiosa, passaram a pensar em termos de território, língua e Estado. (...) A resposta era nacional. [Jacó Guinsburg. "É preciso enfatizar a resistência judaica". *Shalom Documento. A resistência judaica na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo. 1993.]

Diáspora é uma palavra grega cujo sentido literal é *semente espalhada*, no sentido figurado é *gente dispersa* ou *dispersão*; para o judaísmo, significa *judeus dispersos, judeus fora de sua terra de origem: Israel*<sup>2</sup>. A idéia de que, apesar das diferenças sociais e de conteúdo judaico, cultural e religioso, os judeus fazem parte de uma nação espalhada pelo mundo ganhou uma nova ênfase nessa época em que pressão externa contribuiu para a criação de uma identidade maior entre os judeus e o reforço da diferença e da desconfiança com relação aos não-judeus.

No Brasil, esses sentimentos nutriam-se não só de mentalidades herdadas da Europa ou das repercussões dos acontecimentos internacionais mais recentes como também das dificuldades e incertezas vividas pelos judeus no período do Estado Novo. A política ambígua do governo Vargas permitia-lhe um namoro oportunista com o nazi-fascismo e foi marcada por traços notadamente xenófobos e alguns até anti-semitas (mesmo diante da pressão norte-americana, dos ataques sofridos por diversos navios brasileiros e de fortes setores da opinião pública - especialmente militantes de esquerda, grupos de intelectuais e de estudantes ligados à UNE - favoráveis aos aliados e à participação na luta armada, o governo brasileiro só declarou guerra ao Eixo em 1942).

[em 1941] Não só o país não estava em guerra como apoiava o Eixo (...). O Brasil era uma ditadura de direita, mesmo sem grande coerência ideológica. A população não era obviamente pró-aliado. Além das colônias alemãs no Sul, a influência fascista era forte em São Paulo. Havia a força do Movimento integralista. Não era apenas o governo. [Jacó Guinsburg. "É preciso enfatizar a resistência judaica". *Shalom Documento. A resistência judaica na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo. 1993.]

Na grande massa [dos brasileiros] não havia nenhuma consciência política (...) o povo não estava psicologicamente preparado para a guerra. Como é que o povo podia estar se pouco antes o governo tinha se inclinado para o Eixo? Em 1940, houve o famoso discurso do Getúlio em que ele falava em plutocracias e fazia insinuações anti-semitas. Em 1942, o Brasil declarou guerra ao Eixo. Como é que o povo ia acompanhar essas mudanças? Quando houve o afundamento dos navios, realmente a indignação foi muito forte. Eu me lembro de quebra-quebras de lojas de alemães,

italianos e japoneses. Houve esse tipo de explosão, mas a grande massa do povo não sentia a guerra como algo que lhes dissesse respeito. (...) Tudo era contraditório. Haver uma ditadura feroz no país e nós sairmos para ir lutar na Europa pela democracia.... [Boris Schnaiderman. "Memórias da FEB - Boris Schnaiderman". *Shalom Documento. A resistência judaica na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo, 1993.]

Somando-se a isso certas situações cotidianas em que judeus eram alvo de variadas manifestações de preconceito, podemos entender a sensação de insegurança ainda presente em muitas famílias judias no país que as acolheu e que tinha fama de ser uma democracia racial.

Em 1942, meus pais foram morar numa casa com dois cômodos na Rua Silva Jardim [Curitiba] (...) o restante do terreno era ocupado por várias outras casas igualmente velhas e de madeira, mas seus ocupantes eram todos goim. O quintal era o domínio de vários meninos e eu me considerava pertencente. (...) Foi durante uma procissão que recebi, pela primeira vez a informação de que minha origem era execrável e que eu era culpado de diversos crimes, entre eles e o mais abominável: de ter matado Jesus Cristo. Além disso, soube também que era aceito nas brincadeiras por concessão especial, já que meu status de pária não me intitulava a pertencer a grupo nenhum. Isso me foi dito junto com um tapa na cara, para que eu não olhasse para a imagem da virgem que passava sobre os ombros de alguns homens. (...) Fui empurrado contra um muro e minha cara mantida contra o reboco até que a imagem se afastou. [Maurício Brik. "Silva Jardim 1942". *O Macabeu*. Curitiba. ago. 1997]

Naquela época, era muito forte [entre os judeus] a idéia de que o não-judeu é basicamente um anti-semita, muitos jovens foram atrás disso (...). O judeu não era muito bem aceito, como não era o italiano, como não era o preto... ou qualquer alienígena - aparentemente o Brasil é muito hospitaleiro, mas é tudo mentira, aqui o preconceito racial é sério. Naquele tempo, senti o preconceito... [5]

O anti-semitismo do [meu professor de geografia do colégio do estado] expressava-se em ferinas observações anti-judaicas nas aulas. Fazia-o com humor e facilidade, mas para nós jovens judeus sensíveis, isto soava como uma zombaria venenosa. Ele não era o único. (...) Certa vez numa aula sobre o Oriente Médio, lançou: "os judeus da Europa querem a Palestina? Na verdade, é melhor que vão para lá do que venham para o Brasil" (...) ele tinha a solução para o "problema judaico". "Todos os judeus irão para a Palestina e criarão ali um estado judeu. Mas como não são capazes de viver juntos, porque precisam de gentios afim de explorá-los, seu Estado não se manterá". [Nachum Fassa - "O 'macaquinho' e a questão judaica". *Na'amat Brasil*. n.17. São Paulo, maio 1998]

Meu chefe era nazista e dizia que os ingleses tinham tido razão em não permitir a entrada dos judeus na Palestina durante a Guerra. Pedi demissão do meu trabalho [como secretária executiva na Cultura Inglesa] quando ele falou que Hitler deveria ter matado todos os judeus... [4]

Mesmo os jovens que não se recordariam, 50 anos depois, de ter passado no Brasil por alguma situação pessoalmente constrangedora devido à sua origem judaica, conviviam com a preocupação de seus pais diante dos *goim*, suas tentativas de mantê-los próximos a judeus e longe da assimilação e dos *casamentos mistos*. A tragédia vivida pelos judeus alemães e austríacos que, mesmo assimilados, acabaram mortos por terem demorado a perceber a real dimensão do nazismo permanecendo em seus países quando deveriam ter fugido, era para eles a lição mais recente sobre o peso e a responsabilidade de ser judeu.

O massacre dos judeus, mesmo os assimilados, pelos nazistas, transformava aos nossos olhos, o mais odioso dos judeus em aliado necessário e o mais doce dos não judeus em traidor potencial. Aos olhos ingênuos do judaísmo sorocabano, a identidade impossível era indispensável, mesmo sem que, de fato, nos gostássemos tanto. [Jaime Pinsky - "Sempre é tempo de reflexão". *Na'amat Brasil*. n.20. São Paulo. fev. 1999]

Boa parte dos jovens judeus, cujos pais haviam imigrado nos anos 20, já estava bastante integrada na sociedade brasileira. Sentiam-se bem em meio a outros garotos de etnias variadas com que conviviam e faziam amizades. Frequentavam escolas do Estado, jogavam futebol, falavam português, não iam à sinagoga muito mais que duas vezes por ano, não eram solicitados pelos pais a terem qualquer militância judaica mais significativa e não sentiam nenhuma atração especial pela Palestina. O nazismo, contudo, que provocou o assassinato de milhões de judeus apenas por serem judeus, conduziu jovens como estes a um processo de rejeição em busca de uma identidade praticamente desconhecida por eles até então. Começaram a ler sobre o assunto, a procurar companhias e amizades entre outros judeus e a sentir necessidade de frequentar ambientes judaicos.

Pode-se dizer que, com exceção de alguns grupos, como o dos comunistas ou dos bundistas<sup>3</sup> (socialistas progressistas cujo hino incentivava os judeus a adotarem como pátria a terra em que viviam) e um número mínimo de religiosos ainda à espera do Messias, eram muito poucos os judeus no Brasil contrários a existência de Israel no momento de sua efetivação (apesar de nem todos acreditarem em seu sucesso).

Por outro lado, embora o sentimento de revolta contra o Holocausto e as simpatias pelo lar nacional judaico fossem compartilhados pela grande maioria, havia distinções quanto ao grau de entusiasmo e envolvimento diante da realidade do Estado de Israel. As posições dos judeus com relação ao sionismo variavam muito até porque a coletividade judaica não era homogênea e nem muito integrada<sup>4</sup> mesmo nesse momento em que várias de suas diferenças internas pareciam estar amenizadas em nome de interesses comuns e projetos coletivos mais amplos<sup>5</sup>.

Havia os que encaravam o sionismo como um objetivo concreto de vida, a *aliá*, que os envolvia pessoalmente. Alguns viam a emigração para Israel, mesmo depois da criação do Estado, como uma possibilidade remota ou uma tarefa para jovens, mais bem dispostos, ou para *os filhos dos outros, não os meus*. Para outros ainda, contribuir para a causa sionista restringia-se a uma obrigação filantrópica diante dos judeus pobres ou vítimas da Guerra.

De certa maneira, as posições distintas diante do sionismo relacionavam-se também aos diferentes grupos que compunham a coletividade judaica no Brasil dessa época, cujas características, obviamente, acabavam marcando também a formação de seus jovens<sup>6</sup>.

A imigração judaica para o Brasil quantitativamente significativa data do período posterior à I Guerra com judeus vindos da Europa Oriental (Rússia/União Soviética, Polônia, Romênia, Lituânia, Ucrânia) - onde a situação econômica e política se agravava à medida que governos totalitários e repressores assumiam o poder - e da Itália, Áustria e Alemanha - onde grassavam as perseguições nazistas - e foi reforçada com a chegada ao país de refugiados do II Conflito Mundial e de sobreviventes dos campos de concentração<sup>7</sup>. Com os imigrantes, vieram também as diversas correntes de pensamento existentes entre os judeus na Europa e suas aspirações nacionalistas.

Os judeus originários da Europa Oriental - onde de fato surgiu o nacionalismo judaico, no século XIX<sup>8</sup> - eram, em comparação aos de outras origens, os mais pobres e também os mais afeitos às tradições ligadas ao sionismo. Portanto, eram os mais inclinados a apoiar o movimento sionista e a participação juvenil nesse empreendimento. Dentre eles,

vários adultos carregavam consigo um passado de lutas revolucionárias e/ou sionistas. (Não é raro encontrar jovens de movimento sionista que são filhos de pais ou mães militantes desta ou daquela tendência ou partido judeu da Europa, da Palestina ou mesmo já do Brasil.). Em São Paulo, por exemplo, no bairro do Bom Retiro, local de concentração de judeus europeus-orientais, era alto o grau de efervescência política: conviviam linhas e opiniões de direita, centro, esquerda e extrema esquerda sionista, comunistas, socialistas e bundistas. Em outras cidades do país, mesmo naquelas em que não havia tal concentração espacial de judeus desta origem em um certo bairro ou região, a tendência de sua maior politização se confirmava.

Entretanto, os judeus vindos do Leste Europeu que gozavam de uma posição econômica melhor (pois haviam encontrado no Brasil, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, condições econômicas favoráveis para prosperar) tendiam a desenvolver uma inclinação para outros interesses materiais e sociais que os conduziam a uma posição mais conservadora, adaptada ao país que os recebeu e, por vezes, condizente com projetos de ascensão social. Procuravam mudar-se para bairros “melhores”, colocavam seus filhos em escolas mais conceituadas, estaduais ou particulares e, em geral, depositavam grandes esperanças no futuro profissional de seus filhos homens<sup>9</sup>.

Os judeus que chegaram da Europa Ocidental (como os italianos, os austríacos e, principalmente, os alemães), antes de emigrarem e antes das perseguições raciais, estavam mais integrados, em termos sociais e nacionais, em seus países. Para grande parte deles, sionismo era sinônimo de ajuda humanitária a outros judeus, pobres, do Leste Europeu, que consideravam ignorantes, atrasados, e com os quais não gostavam muito de ser identificados. Essa posição parecia prevalecer mesmo entre as famílias judeus “ocidentais” que não estavam economicamente tão bem no Brasil.

É claro que estas linhas gerais definem apenas tendências e não uma relação direta e incontestável entre origem e trajetória familiar e apoio ou participação em movimentos sionistas. (No Movimento Dror, por exemplo, a maioria dos membros vinha sim de famílias originárias da Europa Oriental e os de origem alemã ou italiana eram minoria. Entretanto, muitos outros fatores, inclusive os mais subjetivos, influenciaram os jovens judeus em sua opção pelo Dror que teve, ao longo dos anos, importantes e dedicados membros “italianos” e “alemães” ao mesmo tempo em que perdeu, por um motivo ou outro, membros de politizadas e militantes famílias sionistas originárias do Leste Europeu.)

Com relação às atividades sionistas propriamente ditas, elas puderam florescer no Brasil graças também ao fim da repressão do Estado Novo e o clima de democracia que se estabeleceu no país<sup>10</sup>. Cresceu também o interesse de instituições sionistas internacionais no potencial da coletividade judaica do país. Cursos de hebraico, de História Judaica e do Sionismo passaram a ser promovidos pela Organização Sionista Unificada do Brasil. Contatos com organizações sionistas na Argentina, na Europa e na Palestina foram retomados. Militantes e líderes sionistas (homens e mulheres), alguns com um passado de participação em Movimentos juvenis, visitaram a coletividade judaica brasileira com o objetivo de angariar fundos para a viabilização do Estado judeu e de estimular e colaborar na formação de movimentos a favor de Israel, inclusive os juvenis.

Na verdade, não faltavam “projetos” que demandavam o envolvimento dos jovens judeus na época. Entre integrar-se nos caminhos definidos pela sociedade dominante, procurando espaço nas possibilidades abertas pelo desenvolvimento urbano-industrial capitalista, e buscar uma nova ordem social e/ou novos rumos para o judaísmo e o povo judeu existiam várias tendências.

A revolução social era vista por muitos, no período inicial da Guerra Fria, como um caminho possível e desejável para a humanidade e atraía boa parte dos jovens em contato com ambientes mais politizados. No Brasil, o governo totalitário de Getúlio Vargas chegava ao fim e o momento histórico favorecia os ideais democráticos (o Partido Comunista, por exemplo, alcançou a legalidade e certa simpatia popular, por um breve período), a liberdade de imprensa, a circulação de livros socialistas e comunistas.

Preocupações com relação ao passado e aos destinos do povo judeu, a proclamação do Estado de Israel em 1948, a guerra entre árabes e israelenses... em seus depoimentos, judeus jovens nesse período contam como era difícil manter uma atitude alheia diante da evolução dos acontecimentos<sup>11</sup>. A consciência de estar vivendo uma época histórica sem precedentes, cujo futuro não estava de modo algum já definido, tomava conta de um número cada vez maior de rapazes e moças incitando-os a participar de sua construção.

Grupos de jovens judeus, mais ou menos autônomos, espalhados por diversos bairros em várias cidades brasileiras, tornaram-se comuns nessa época em que a necessidade de se reunir com iguais, trocar idéias sobre os acontecimentos que afetavam os judeus e *fazer alguma* coisa parecia se impor sobre eles. Alguns grupos eram basicamente recreativos, alguns bastante teóricos, outros aprofundavam conhecimentos sobre judaísmo e a questão judaica em discussões semanais e chegavam a produzir seus próprios jornaizinhos. Certos rapazes e moças, voluntários, começaram a *tratar dos papéis* para lutar na Guerra de Independência a favor do Estado judaico, outros, achando melhor *viver pela pátria, que morrer por ela*, buscaram meios de adquirir um ofício e se preparar para trabalhar em Israel.

Se grupos juvenis são importantes para a socialização e a abertura de horizontes intelectuais (em sociedades em que a família não é capaz de transmitir todos os conhecimentos necessários ao indivíduo), se esses grupos se tornam uma necessidade na fase de transição para o *status* de adulto e se têm um papel integrador especialmente relevante em países de imigração<sup>12</sup>, mais importantes ainda foram os grupos juvenis judaicos nessa época em que os pais pareciam já não poder responder às suas dúvidas existenciais, seus exemplos não eram satisfatórios e não havia entre os jovens interesse em que o passado se repetisse.

A iniciação política e a simpatia pelo sionismo e o socialismo entre os jovens podiam surgir nas discussões nesses grupos juvenis em que estes assuntos acabavam sendo tratados. Também podiam vir de casa, a partir de pais e parentes envolvidos em atividades comunitárias ou político-partidárias. Alguns se sensibilizavam com a leitura voraz, e muitas vezes precoce, de jornais e livros na tentativa de acompanhar e compreender o momento histórico. O interesse pelas questões social e judaica podia também ser despertado nas escolas, nas ruas, no ambiente efervescente das reuniões sociais, das campanhas de

solidariedade para com as vítimas da Guerra, dos debates políticos e das manifestações pelo fim do Estado Novo, a favor da democracia, da paz e pró-Israel que aconteciam com maior frequência em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba ou Santos e que contavam com ampla participação juvenil. Eventos organizados especialmente para a juventude por militantes do Movimento sionista, como acampamentos e atividades educativas, também podiam ser o ponto de partida para a familiaridade crescente com termos como “sionismo”, “kibutz”, “*chalutz*” e nomes como Gordon e Ben Gurion.

Outros jovens já traziam uma bagagem emocional e ideológica forjada por quem viveu de perto a Guerra e a discriminação do nazismo e sobreviveu.

E alguns rapazes e moças, em busca de respostas às suas inquietações, tinham em seu currículo passagens de militância (e decepção) no Partido Comunista, tendo participado de reuniões, células, Comitês populares, passeatas ou campanhas para candidatos do partido. (Vários dos jovens que manifestaram algum interesse pelo Partido Comunista ou o Socialista - que não apresentavam soluções específicas para o problema judeu - desistiram em favor dos movimentos judaicos. Membros do Partido Comunista chegavam a ser anti-sionistas, alegando ser o sionismo uma doutrina antipatriótica e um movimento ligado ao imperialismo americano. Alguns jovens judeus, inclusive, abandonaram esse Partido devido a atitudes que consideraram anti-semitas por parte de certos camaradas. Isso não significa que todos os judeus que milhavam no Partido Comunista o abandonaram. Pelo contrário, muitos quadros importantes permaneceram neste partido na esperança de que a revolução comunista mundial provocasse o desaparecimento de problemas relativos às nações e às minorias em geral, inclusive a questão judaica.)

Nesse contexto, foram formados os jovens judeus que acabaram integrando as primeiras fileiras de movimentos sionistas socialistas como o Dror, o Hashomer Hatzair ou sionistas de direita, revisionistas, como o Betar<sup>13</sup>.

O Betar fez sucesso principalmente na época do Mandato inglês na Palestina (1918-1948). Sua doutrina era extremamente nacionalista, favorável à soberania judaica *em ambas as margens do rio Jordão* e ao emprego de soluções de força contra o domínio inglês e contra os árabes. Era ligado ao partido político Herut<sup>14</sup>.

O Dror e o Hashomer brasileiros, fundados no ano de 1945, entretanto, foram os movimentos juvenis mais ativos no Brasil na época do estabelecimento do Estado de Israel e nos anos que se seguiram. Ambos eram preocupados com a igualdade social e inspirados em movimentos juvenis europeus das duas primeiras décadas do século.

O Dror era socialista e ligado, no Brasil, ao partido Poalei Tsion (“Trabalhadores de Sião”, um partido político de tendência sionista-socialista), e, em Israel, ao MAPAI (Partido Trabalhista). O MAPAI assumiu o governo na época da criação do Estado de Israel (permanecendo ininterruptamente no poder até 1977) e contava com figuras importantes como Ben Gurion, que foi o primeiro Primeiro Ministro e Golda Meir, o Primeiro Ministro seguinte<sup>15</sup>. Os adeptos dos ideais pioneiros tornaram-se a elite política do Estado de Israel alimentando o otimismo dos *chaverim* no Brasil.

O Hashomer Hatzair era ligado ao partido israelense MAPAM (“Partido Obreiro Unido”)<sup>16</sup>. Sua principal divergência com relação ao Dror era ser favorável a um estado binacional em que árabes e judeus viveriam sob um mesmo estado, socialista e politicamente ligado à União Soviética.

Os movimentos competiam pela conquista de adeptos no Brasil e consideravam-se

*rivais*: procuravam acentuar suas diferenças e discutir com frequência suas posições *em acaloradas batalhas verbais*.

O Dror colocava-se contra os revisionistas e contra os comunistas. Considerava o revisionismo, com sua inclinação para a violência, o terrorismo e o chauvinismo antiárabe palestino, um *reflexo judaico do fascismo mundial*. E, para o Movimento, as posições da União Soviética e dos partidos comunistas contrárias a Israel e o sionismo não deixavam dúvidas quanto à impossibilidade de qualquer aliança ou simpatia por eles. (O Dror era contra qualquer idéia de ligar-se ao bloco comunista, ou mesmo de tomar partido na política internacional apoiando qualquer um dos dois blocos de poder.) As ditaduras comunistas, sob qualquer feição, também não atraíam os droristas. As revelações de 1956 sobre os crimes de Stalin, que abalaram comunistas (e “progressistas”) militantes no mundo todo, por exemplo, não surpreenderam os *chaverim*. Estes também faziam coro com outras instituições que denunciavam as restrições aos direitos nacionais dos judeus nos países chamados de democracia popular e na União Soviética.

A experiência comunista nos demonstra cada vez mais seu caráter reacionário deixando de representar os interesses da classe operária para pisá-la e combatê-la. O exemplo da União Soviética e das “democracias populares” servem-nos suficientemente para qualificar a ideologia transformada em regime contrário ao interesse obreiro, através do desrespeito à pessoa humana e ao coletivo, a implantação do capitalismo de Estado, a ditadura do funcionalismo e da burocracia. (...) o comunismo [hoje] é a negação do socialismo revolucionário. [I] Kinus Artzi do Ichud. 1953]

Portanto, o Movimento repudiava também as posições do Hashomer Hatzair que, embora sendo sionista e kibutziano, simpatizava com o comunismo e a figura de Stalin e adotava posturas vistas pelos droristas como autoritárias e fanatizantes em relação a seus membros. Nas críticas do Dror ao Hashomer podemos conhecer mais o primeiro, ou seja o que os droristas pensavam de si mesmos. *O Hashomer é um movimento despersonalizado, dirigido de fora para dentro por shilichim de Eretz*<sup>17</sup> - o Dror no Brasil se considerava um movimento independente, com idéias próprias. *O Hashomer prega o coletivismo ideológico: quer a educação do homem shômrico [soldado] para a vida shômrica; sua educação almeja o coletivismo de idéias e de ações para uma vida conjunta de elementos que pensam e agem da mesma forma*<sup>18</sup> - o Dror se via como um movimento aberto e favorável à diferença de opiniões e sua educação como formadora de pensamentos livres.

Sobre as “juventudes comunistas”, o Dror afirmava que nem podiam ser consideradas um movimento juvenil em seu exato sentido, pois estavam *submissas às supremas atividades partidárias*.

Quando Ben Gurion exortava os jovens judeus a continuarem o movimento chalutziano - *o Estado não é o objetivo final e sim o primeiro passo para a dupla revolução - nacional e social (...) é preciso que se renovem os valores chalutzianos (...) para as grandes tarefas históricas que nos impusemos, temos necessidade de um grande empreendimento, de uma grande força interna, características de movimentos juvenis que têm ante si clara sua finalidade*<sup>19</sup> - os *chaverim* sentiam que este chamado era para eles.

Além dos movimentos juvenis sionistas de esquerda, havia outros grupos, judaicos ou não, que atraíam jovens judeus nessa época. Os *progressistas*, ligados à Casa do Povo, aglutinavam judeus em torno de uma linha culturalista e autonomista dentro do comunismo mundial. Os grupos de extrema esquerda como os trotskistas, que pregavam a *revolução*

*permanente*, também conseguiram adeptos entre a juventude judaica (especialmente após a divulgação dos crimes do stalinismo que esvaziou um pouco os grupos ligados à União Soviética).<sup>20</sup>

Havia, portanto, alternativas ao Dror, mas, naquele momento, por causa do impacto do Holocausto e da recente criação do Estado judaico, as opções sionistas drenaram um importante contingente de jovens judeus para suas fileiras. (Isto foi se modificando à medida em que o tempo foi passando e que uma maior integração dos jovens judeus na sociedade brasileira levava muitos deles a militar em grupos não judaicos de esquerda. A busca da “utopia”, a justiça social, permanecia para muitos, o que mudava era o momento histórico. Não foi por acaso que tantos jovens judeus estiveram envolvidos na resistência ao Movimento Militar de 64, muitos deles tendo perdido a vida nessa luta.<sup>21</sup>)

A palavra *dror*, em hebraico, pode significar liberdade, libertação ou andorinha<sup>22</sup>, o “pássaro da liberdade”, pois não sobrevive aprisionado. Dror foi também o nome escolhido para um movimento juvenil pioneiro de idéias sionistas socialistas estabelecido na Polônia no final dos anos 20 e na década de 1930. As idéias ligadas ao Movimento juvenil Dror, assim como as de outros movimentos juvenis pioneiros de diversas correntes sionistas socialistas, chegaram à América do Sul com os imigrantes judeus vindos da Europa Oriental nos anos 30<sup>23</sup>.

Em linhas gerais, a orientação dita pioneira ou *chalutziana* (*chalutz*: pioneiro) enfatiza os ideais sionistas e os sociais de igualdade, cooperação e valorização do trabalho, procura transformar os *chaverim* (companheiros) do Movimento em membros de colônias agrícolas comunais na terra de Israel, sendo o kibutz (colônia coletiva baseada na posse comum das terras e dos meios de produção) a mais radical dessas instituições em termos de ideais socialistas e comunitários.

No Brasil, essas idéias não vieram prontas, como que compradas em pacote fechado pelos jovens que aqui estavam, sem questionamentos, adaptações e desenvolvimentos. Na verdade, um movimento organizado e com uma ideologia relativamente definida como o Dror brasileiro não surgiu do dia para a noite embora sua evolução, desde 1945, pareça ter sido bastante rápida. Muitos dos membros do Dror vinham dos tais grupos formais ou informais de jovens, ligados ou não a uma instituição de adultos, que já no período da Guerra começavam a aparecer na coletividade judaica ainda sem o caráter politizado, a ideologia definida e o projeto social radical dos movimentos juvenis sionistas socialistas que surgiram algum tempo depois.

Com o apoio inicial de líderes sionistas, o reconhecimento e o auxílio de adultos da comunidade judaica, a força catalisadora de certos jovens com excepcional capacidade de liderança, o trabalho envolvido e motivado de rapazes e moças, o Movimento juvenil Dror estabeleceu ao longo do tempo núcleos (*snifim*) importantes em cidades como Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e outros menores e menos estáveis em certas cidades com presença judaica como Curitiba, Belo Horizonte, Santos, Niterói. De todos os movimentos juvenis judaicos no Brasil, foi o mais abrangente.

O Dror surgiu em Porto Alegre em outubro de 1945, influenciado pela proximidade e contato com o Movimento argentino conhecido por *chaverim* gaúchos que freqüentaram alguns de seus acampamentos de verão.

No rastro de Porto Alegre, o Dror também se desenvolveu em Curitiba atraindo grande parte da juventude judaica da cidade. Sua primeira sede era no porão da casa dos pais da jovem Sara Schaia, originários da Polônia e ex-*chalutzim* na Palestina.

Em 1946, 20 jovens gaúchos e 5 curitibanos, entre 14 e 20 anos, participaram entusiasmados de um Seminário do Dror na Argentina, país sede da Central Latino-Americana do Movimento. Nesse mesmo ano, um enviado do KKL (Fundo Nacional Judaico) para a América Latina vindo de Buenos Aires, com experiência anterior em movimento juvenil, também colaborou para o desenvolvimento do Dror nessas duas cidades.

Em pouco tempo, aproximadamente 300 jovens faziam parte do Movimento em Porto Alegre<sup>24</sup>.

Na Argentina, o Movimento já tinha história: era o primeiro da América do Sul e foi fundado 10 anos antes do Dror brasileiro por judeus vindos da Polônia. Passou alguns anos atrelado às raízes polonesas antes de tentar caminhos mais originais, adaptados à realidade argentina e às novas perspectivas do *povo judeu*. Conservando os valores básicos do movimento polonês, sionismo e socialismo, e a forma de organizar os jovens (ligeiramente inspirada nos escoteiros), substituiu o vocabulário iídiche pelo hebraico, definiu melhor seus objetivos em função da preparação para a *aliá*, transformou métodos de trabalho e procurou estabelecer contato com os judeus na Palestina, mais tarde, Israel.

Antes do nazismo e do massacre de judeus na Europa, o continente Sul Americano não havia estado entre as prioridades do Movimento sionista mundial com seus fundos nacionais e sua atividade ideológica: os judeus da Europa tinham mais problemas que os da América e, na América, os dos Estados Unidos é que tinham mais recursos para colaborar com a causa. Assim, o Movimento juvenil no continente surgiu e se manteve por muito tempo sem ajuda externa até a chegada dos ativistas de várias tendências sionistas vindos da Europa e Israel logo após a II Guerra, quando conheceu um desenvolvimento sem precedentes. Em 1945, partia o primeiro grupo para a terra de Israel: quatro rapazes argentinos do Dror ganharam certificados para emigrar. Lá, viveram a experiência de trabalhar em kibutz e lutar como soldados da Haganá (a organização militar clandestina judaica na Palestina). Nessa época, o entusiasmo sionista que contagiava muitos jovens levou rapazes e moças do Dror argentino a criar, em 1946, uma fazenda coletiva (a Hachshará Berl Katzenelson) cuja finalidade era a ser um local de preparação para a futura vida do kibutz que planejavam fundar em Israel; deixavam seus estudos e família para lá se instalarem antes de emigrar. De 1947 em diante chegam a Israel novos grupos de *chaverim* argentinos que participam da Guerra de Independência e, mais tarde, fundam o kibutz Mefalsim (“Traçador de rotas”), destinado a ser o primeiro kibutz do Dror sul-americano (conforme ficara decidido no I Congresso Sul Americano do Movimento, em 1947, em Buenos Aires, do qual participaram alguns jovens brasileiros).<sup>25</sup>

Embora em contato com o Movimento argentino, o Dror no Brasil seguiu seus próprios caminhos (o contato entre os movimentos sul-americanos - Argentina, Brasil, Uruguai, Chile - não era tão fácil devido à falta de recursos dos grupos em cada país).

No Rio de Janeiro, o Dror foi fundado em 1947 por dois jovens líderes do Movimento vindos do sul, Efraim Bariach e Maurício Kersh. Conseguiram adeptos entre

grupos de jovens já existentes na coletividade judaica local, entre eles os sócios da Biblioteca Bialik, que formavam um grupo de estudos simpatizante do sionismo socialista. Hospedados pela família do jovem Alberto Dines (cujo pai era ativista comunitário, militante do Poalei Tsion no Brasil e ex-participante de movimento juvenil judaico na Rússia), esses dois jovens encontraram no Rio, como em outras cidades de maior concentração judaica, um ambiente propício para o desenvolvimento do Dror. Na então capital do Brasil, *respirava-se política*, e a atividade a favor do Estado judaico contava com muitos militantes judeus bem como simpatizantes não-judeus. A Biblioteca Bialik, localizada na Praça da República, tornou-se a sede do Dror nesta cidade. Em pouco tempo, depois de organizada a sua estrutura, os cariocas prosseguiram com a ampliação do Movimento. No início, eram apenas duas *kvutzot* (grupos de 10 a 20 companheiros), uma de jovens *mais velhos*, como a líder Mariam Guenauer, e uma de *mais novos* - a radical "Palmach" da qual faziam parte os garotos Alberto Dines e Abraan Moshek Baunvol (o *Mosca*) que, com 15 anos, já participavam da direção do Movimento ao lado de *chaverim* com mais idade.

O Dror no Rio cresceu alimentado pelo trabalho entusiasmado de proselitismo dos *chaverim* (auxiliados por companheiros de São Paulo e Porto Alegre). Recebeu, entre outros, jovens como Lea Ben Iaquir que já havia participado ativamente em várias atividades antifascistas e sionistas clandestinas no tempo da Guerra e de outros movimentos juvenis até chegar ao Dror, um grupo *com uma proposta melhor do que simplesmente lutar em Israel*.

No início de 1949, consolidado, o Movimento no Rio já contava com 400 membros.

É difícil estabelecer uma data precisa para o surgimento do Dror em São Paulo a partir da documentação encontrada e dos depoimentos dos que participaram dos momentos iniciais do Movimento. Com mais certeza, pode ser dito que, em 1947, ele já existia nesta cidade, tanto que enviou representantes, Bernardo Cymyring e Rifka Auerbach<sup>26</sup>, para o I Congresso Sul Americano do Dror, em Buenos Aires. O que os depoimentos contam, em consonância com a narrativa do livro *Bror Chail: história do Movimento e do Kibutz brasileiros*<sup>27</sup>, é que o Dror surgiu, em São Paulo, por volta de 1945,46 a partir de um dos grupos de jovens que se encontravam em reuniões promovidas pelo Departamento Juvenil (criado em 1942) do Centro Hebreu Brasileiro<sup>28</sup>. Os encontros semanais no Centro Hebreu, ou *Centrinho*, como era chamado pelos jovens, foram o início e a inspiração para a origem de diversos movimentos juvenis na cidade.

Num primeiro momento, o ambiente de tais reuniões era indefinido em termos político-ideológicos (embora certas pessoas nutrissem simpatia pelo movimento que se desenvolvia na Argentina ou por esta ou aquela ideologia social e política). O *Centrinho* era um local de *vida social* - *o que era muito atraente: adolescentes, rapazes e moças procurando companhia e companheiros* - mas também de estudos, leituras, discussões, palestras (feitas, principalmente, pelos próprios jovens) e aprofundamento em temas como sionismo, história judaica, Israel e língua hebraica. Após as palestras, *muito freqüentadas*, os amigos e namorados iam *dançar, ao cinema ou comer pizza*.

Com o tempo, formaram-se grupos mais fechados de jovens com inquietações comuns, que foram se desligando do esquema do *Centrinho*. Alguns destes transformaram-se em movimentos juvenis organizados. Um deles, com rapazes e moças entre 18 e 20 anos,

deu origem ao Movimento Dror que acabou herdando, para sua sede, o espaço físico do Centro Hebreu - o 2º andar do 93 da Rua Prates - já que os outros grupos e instituições que funcionavam no local haviam se mudado ou foram desaparecendo aos poucos. Esse grupo *formador* (que logo adquiriu contornos militantes sob a liderança de Bernardo Cymyring e que contava com nomes como Samuel Karabtchevsky, David Perlov, Júlio Mester e Richard Kanner entre outros) juntou-se a um segundo grupo, também de jovens - que, até aquele momento, desenvolvia discussões mais intelectualizadas no colégio Renascença (do qual faziam parte Rifka Auerbach e Ruwin Pickman) - somando aproximadamente 20 *chaverim*. Empreenderam, a partir de então, um trabalho intensivo de estudos, *aprofundamento ideológico* e *proselitismo* e o número de participantes ampliou-se significativamente. Conseguiram mais adeptos entre jovens isolados e grupos espalhados por São Paulo e, posteriormente, investiram na conquista de companheiros de algumas cidades próximas - como Santos (que acabou constituindo um núcleo do Dror) e Sorocaba - e, quando o Movimento já estava bem maior, de várias outras capitais do país como Belo Horizonte, Recife e Salvador.

Em se tratando de movimentos sociais, quando é preciso enfatizar a importância das ações coletivas e a contribuição do trabalho e da participação de cada indivíduo, é um tanto arriscado, talvez reducionista, falar de alguma figura de destaque, um líder, especialmente entre jovens voluntariosos e independentes como eram os droristas. Entretanto, sim, no Movimento juvenil Dror havia líderes (até onde os jovens aceitavam ser liderados), eles também jovens, membros do próprio grupo. Entre estes, o mais destacado, segundo o reconhecimento geral, foi Bernardo Cymyring

Bernardo, um rapaz nascido em 1927, tornou-se a figura central desse Movimento. Seus ex-companheiros lembram-se dele como alguém de um *carisma incomparável*, que chegou informalmente à *liderança máxima* sendo o *grande catalisador* dos grupos de jovens dispersos e um dos principais responsáveis pelo rápido crescimento do Dror e seu sucesso em termos sionistas, *praticamente o idealizador do Movimento nos moldes que assumiu*. Esse jovem, vindo criança da Polônia em 1934, não encontrava problemas para se adaptar ao Brasil quando, aos 16 anos de idade, deixou a casa dos pais e a pequena comunidade judaica de Santos para estudar em Itu. Lá, seus esforços para *deixar de ser gringo* tiveram um relativo sucesso: falava bem a língua do país, estudava em escola pública, namorava a filha de uma importante família local, tinha amigos não judeus (entre eles, o jovem Otávio Ianni), era líder estudantil e freqüentava círculos socialistas e comunistas, chegando a ser convidado a participar do Partido Comunista (o que não aceitou, segundo ele, por discordar das ligações estreitas entre o Partido e as diretrizes soviéticas: *o Prestes falava russo para o Brasil sem se preocupar com a especificidade da realidade brasileira*). Ao mudar-se para São Paulo, com planos de se preparar para ingressar na faculdade de medicina, ficou chocado diante das notícias do Holocausto e procurou respostas sobre o que fazer nos livros da biblioteca do Departamento Juvenil do Centro Hebreu. Inspirado pela leitura de autores como Herzl, Pinsker e outros, de obras de história judaica, das notícias internacionais de jornais brasileiros e argentinos, o rapaz, que *não tinha tido até então*, em suas próprias palavras, qualquer *formação judaica mais consistente*, resolveu que não viveria mais no Brasil e sim na Palestina. Contra a vontade do pai, deixou de estudar, arrumou um trabalho para garantir seu sustento e tornou-se um militante sionista.

Por que sionismo? Por causa do anti-semitismo. Quanto tempo os judeus precisarão sofrer? Meu avô religioso responderia: "Até chegar o messias". Eu achei que eu era o messias. A geração do Ben Gurion e nós, uma geração depois dele, éramos o messias, porque não dá mais para os judeus sofrerem tanto... com o nazismo, o judaísmo europeu acabou... diante do extermínio ocorrido na Europa, era impossível não se preocupar com os judeus. E no momento em que me tornei judeu, o Brasil já não tinha mais nenhum significado para mim. [Bernardo Cymyring / Dov Tsamir]

Aproximou-se dos jovens do *Centrinho*, estes já envolvidos em leituras e debates, com conhecimentos de judaísmo mais profundos que os seus e noções de hebraico. Angariou simpatias expondo suas opiniões. Aos poucos, tornou-se um líder entre os jovens, passando a fazer conferências, sendo chamado a opinar em vários assuntos (de questões ideológicas a problemas com professores anti-semitas) e participando de verdadeiros debates internos ou de rua com partidários do comunismo, do revisionismo e do Hashomer. Chegou a desafiar intelectuais e líderes comunitários que se diziam sionistas: *Então o que vocês ainda estão fazendo aqui no Brasil?* O peso de suas idéias foi bastante relevante na definição das orientações e debates que vieram a preparar ideologicamente os *chaverim* do grupo formador do Movimento em São Paulo. Em grande parte por sua influência, esses jovens e outros que se uniram a eles passaram a se orientar para um sionismo tido como *mais conseqüente*, com vistas à participação pessoal e concreta na construção de Israel, significando, entre outras coisas, viver de fato no novo país, caracterizando o Dror como um Movimento favorável à *aliá*.

A orientação socialista e kibutziana do grupo surgiu de leituras em espanhol "descobertas" pelos *chaverim* tanto quanto de uma tendência mais geral na época, alimentada pelos ecos de *Eretz*, de valorizar os *kibutzim*. Estes tinham tido, e ainda detinham, um papel importante na colonização judaica na Palestina e eram vistos como a concretização do ideal de vida socialista. Os *kibutzim*, através de vários de seus *filhos*, gozavam de forte influência na política nacional bastando dizer que Ben Gurion e Golda Meir eram ambos membros de kibutz.

Em 1947, houve o I Congresso Territorial do Movimento Dror em Porto Alegre e o I Congresso Sul-Americano do Dror. Encontros e contatos internacionais como este possibilitavam aos *chaverim* do Brasil um ponto de referência para a definição de seus posicionamentos, ainda que eles nem sempre seguissem em tudo as tendências de seus vizinhos latino-americanos. Ficava cada vez mais claro que o caminho dos *chaverim* brasileiros seria definido por trilhos relativamente próprios, sem encampar debates, desavenças políticas ou estruturas organizacionais que lhes pareciam inúteis, *vindos de fora* (fossem da Polônia, fossem de Israel) ou inadequados à realidade dos judeus no Brasil (onde não havia perseguições como na Europa, a clandestinidade não era necessária e a cultura tradicional judaica não era tão relevante na vida juvenil se comparada à geração anterior). Procurando deixar de lado o sionismo e o socialismo *inconseqüentes* e tendo uma relativa consciência dos desafios propostos pelas especificidades da comunidade judaica brasileira, os *chaverim* do Dror tentavam buscar também nos livros, materiais de propaganda produzidos pelas organizações sionistas, orientações de enviados de Israel (sempre discutidas, nem sempre aceitas) e especialmente em sua experiência na comunidade local os parâmetros para nortear suas ações.

Em fins de 1947, dos dez brasileiros selecionados para o estágio destinado à

formação de lideranças de movimento juvenil<sup>29</sup> que seria realizado em *Eretz Israel* durante o ano seguinte, cinco eram do Dror, desses, três de São Paulo (Naftale Czeresnia, Aron Thalenberg, Lea Steinbaum eram de São Paulo; Mariam Guenauer, do Rio e Efraim Bariach, do Sul; Fiszal Czeresnia, de 25 anos, que viajou sem representar nenhum Movimento voltou simpatizante e colaborador do Dror). Ao retornar ao Brasil, acrescentaram ao Dror a bagagem de conhecimentos e entusiasmo patriótico de quem passou seis meses (ao lado de chilenos, mexicanos e australianos) estudando hebraico, História dos judeus, sociologia judaica, geografia da Palestina, política, sionismo etc., *com grandes especialistas*, e mais meio ano num kibutz ligado à orientação ideológica do Movimento, tudo isso no período efervescente da Guerra de Independência e da proclamação do Estado (14 de maio de 48), assistindo pessoalmente a discursos de Ben Gurion e de outros criadores e líderes do Movimento kibutziano, alguns deles ministros do novo governo, e convivendo com importantes *heróis nacionais*.

Em 1948, o Dror no Brasil viveu um período de grande expansão em todos os seus núcleos impulsionado pelo entusiasmo com a efetivação do Estado de Israel.<sup>30</sup> O *snif* (núcleo) de São Paulo, por exemplo, passou de 100 para 800 membros<sup>31</sup>. Como foi dito, havia grupos juvenis judaicos dispersos pela cidade, uns mais outros menos politizados ou sionistas, alguns com nomes sugestivos como Sharsheret (Corrente), Kadma (Avante) e Achdut (União), que se reuniam em sinagogas ou casas particulares em bairros como Pinheiros, Vila Mariana, Cambuci, Bom Retiro ou Lapa. Entre uma ou outra reunião, palestra ou discussão intelectual, faziam seus *bailinhos*, piqueniques, passeios, *tardes musicais*, jogos e festas. Com o tempo, passaram a ser visitados por jovens já engajados em Movimentos juvenis. Rapazes e moças de grupos como esses acabavam se interessando pelo Dror e tornando-se *chaverim* do Movimento. Assim chegaram ao Dror, nessa época, Elena Camerini, Vitorio Corinaldi, Helena Corinaldi, Miriam Salon, Henry Mau, Jaime Volich, Erwin Semel, João Druker, Mira Wainfeld, Paulo Singer e muitos outros. Os jovens do Grupo Achdut, por exemplo, então com 15, 16, 17 anos, entraram em bloco no Dror:

O Dror estava nessa época em rápida expansão. Encontrei de imediato centenas de moças e rapazes, vindos de todos os bairros da cidade, que também tinham aderido recentemente. Entramos em conjunto na descoberta de um mundo político e, por extensão, social e econômico e de forma totalmente autônoma. Não havia adultos para nos ensinar e enquadrar. Bernardo [Cymyring] e sua corte eram *chaverim* e assim se portavam. Eram um pouco mais velhos e experientes, mas eram tratados de igual para igual. Era a primeira vez na minha vida que eu tomava parte numa organização política partidária, com princípios, programas, disciplina e tudo mais. Eu estava maravilhado. [Paulo Singer. "Lembranças de um velho drorista". *Na'Amat Brasil*. n.17. São Paulo, maio 1998.]

O jornalzinho mimeografado, *Itonenu*, com duas dezenas de páginas, produzido por este grupo da Vila Mariana (1947-48) dá uma idéia do caminho percorrido pela garotada do Achdut: jovens que se divertiam jogando ping-pong ou dançando samba e *fox trot*, mas que também gostavam de ler e sentiam necessidade de se expressar a ponto de estruturar uma biblioteca própria, fundar um pequeno jornal, preocupando-se com questões tais como "somos um povo ou uma religião?", "o que identifica os judeus?", "história judaica", "terrorismo na Palestina", "o que é o kibutz?", "anti-semitismo". Heroísmo, patriotismo e morte eram temas sempre presentes em seus artigos, contos e poesias. No início, torciam pela criação do Estado de Israel - *para os poucos milhões de judeus que sobraram*<sup>32</sup>. Pouco tempo depois, também graças à influência e orientação de Bernardo Cymyring - *temos um*

*Estado Judeu. Aparentemente já conseguimos o que desejávamos. Haverá necessidade de nossa emigração? Haverá necessidade de nossa reeducação?*<sup>33</sup>, - já falavam em participação sionista socialista -

(...) se até hoje nossas realizações tiveram um caráter cultural, chegado é o tempo de adotarmos uma posição ativa e definida no sionismo (...) orientar nossas idéias em uma direção definida e em trabalhos úteis e producentes. (...) achamos o caminho: começamos por nos tornarmos sionistas "chalutzianos". (...) É necessária a nossa emigração à base do chalutzianismo? (...) Minha resposta seria afirmativa (...) [desejamos] que a massa judaica forme uma nação e um país (...) queremos constituir um estado, erguê-lo com nosso suor e defendê-lo com o nosso sangue. Ora, se é isso que queremos, vamos para lá, colonizemos a Palestina.(...) a história dos últimos anos mostra que não podemos impedir pogroms assimilando-nos; (...) "já que não podemos transformar os outros, transformemo-nos". [Paulo Singer. "Uma questão importante". *Itorenu* n.7. São Paulo. 1948.]

Essa nova maneira de pensar os levou a substituir as danças de salão pela *hora*, a enfatizar os estudos sobre o sionismo e a adotar certas posturas e linguagens que acreditavam estar mais de acordo com a nova opção: *a Elena' voltou [da visita ao Dror] toda cheia de idéias anti-burguesas e resolveu "cristalizar-se" por completo, tanto que deixou até de se pintar!*<sup>34</sup>. Até que se incorporaram ao Dror e foram recebidos como um grupo diferenciado, de *excelente composição qualitativa*. Alguns deles, como Paulo Singer, apesar da idade, chegaram rapidamente a imprimir suas marcas no Movimento e até a fazer parte da sua liderança.

Em diversos bairros da cidade foram sendo criadas as chamadas *kvutzot* ligadas ao Dror: eram grupos mistos de estudo e atividades, divididos por faixa etária, compostos por 10 a 20 *chaverim*. Passaram a existir *kvutzot* não só no Bom Retiro, mas também em diversos outros bairros de São Paulo como Ipiranga, Cambuci, Vila Mariana, Jardim América, Lapa, Pinheiros, Brás e Tatuapé. Suas reuniões eram feitas em endereços oferecidos por famílias simpatizantes ou por associações de adultos. Rapidamente, São Paulo, superando Porto Alegre e Rio de Janeiro, tornou-se o principal centro de influência e logo (em 1948) sede do Movimento Dror no Brasil. *Foi tudo meio explosivo, em um ano o Movimento eclodiu em São Paulo*. Segundo alguns "paulistanos", isso ocorreu porque, além de a coletividade judaica ser maior e mais forte nesta que em outras cidades brasileiras, o *snif* de São Paulo contava com *líderes mais preparados e maduros*, um bom número de jovens talentosos e, sendo mais distante do Dror argentino (diferentemente de Porto Alegre) e não tendo compromissos com o comunismo (diferentemente do Hashomer), era capaz de ter idéias próprias e se desenvolver com mais liberdade. Quando o *snif* de Porto Alegre enviou, em 1950, seu primeiro grupo para a *aliá*, perdeu suas lideranças mais preparadas sem conseguir montar um esquema de transição para a substituí-las e, na etapa seguinte, não recuperou mais a importância política que teve nos primeiros anos do Movimento.

Dentre os jovens *mais maduros* (nessa época, os que estavam entre 18 e 22 anos de idade) e os componentes das *kvutzot* mais estruturadas e politizadas dos mais novos (14-17 anos), como a da Vila Mariana, por exemplo, surgiram os primeiros líderes, dirigentes e instrutores, enfim, a primeira elite do Movimento.

Quando se definiu como um movimento educativo, disposto não só a preparar seus integrantes para a vida em Israel como também a conseguir novos membros, o Dror ampliou a abrangência de suas faixas etárias incluindo crianças acima de 10 anos de idade<sup>35</sup> e criou um departamento voltado especialmente para educação e orientação ideológica.

Nessa época, já existia uma preocupação entre as lideranças, expressa em vários textos, de procurar evitar a *simplificação e massificação dos novos elementos e idéias* - pois o Movimento parecia estar se expandindo a ponto de tornar-se um *organismo de massas*. Acreditavam ser capazes de constituir um programa educacional que de fato preparasse os jovens para a vida *chalutziana* de forma consciente, convicta, baseado em debates e práticas sistemáticas de estudo que justificassem intelectualmente as idéias, resolvessem dúvidas e conduzissem à realização em termos concretos das suas posturas ideológicas.<sup>36</sup>

Três grandes acampamentos do Dror ocorreram em 1948. No de janeiro, realizado em Petrópolis, antes ainda da proclamação do Estado, estavam presentes representantes de todos os núcleos do Movimento no Brasil; aproximadamente 30 *chaverim*, rapazes e moças entre 14 e 20 anos, foram por São Paulo. Nessas ocasiões, os *chaverim* não só se envolviam em discussões que definiam os pressupostos e os rumos do Dror como também eram capazes de ter uma idéia de sua força e capacidade de organização. Em agosto, no II Congresso do Dror no Brasil, ficou decidida a criação de um *kibutz-hachshará* - uma propriedade rural em que os jovens mais velhos, decididos a ir para Israel, passariam um ano se preparando para a vida *kibutziana*. Lá, procurariam capacitar-se para participar das atividades produtivas do *kibutz* (trabalhando a terra, criando animais), viver coletivamente (sem a circulação de dinheiro, sem propriedade privada), falar o hebraico e conhecer mais sobre o sionismo socialista, as condições e a cultura do novo país.<sup>37</sup>

Meio ano depois, o Dror inaugurava o *Kibutz Hachshará Ein Dorot* (Fonte das Gerações), a 16km da cidade de Jundiá (SP). O primeiro grupo a ingressar nessa *Hachshará* era composto por 40 *chaverim*, moças e rapazes, com idades entre 20 a 27 anos.<sup>38</sup> A partir daí, a cada ano, o Movimento forneceria um novo grupo à sua *Hachshará*.

O Dror, então, já possuía uma orientação mais definida, uma unidade maior de pensamento e um nível de organização surpreendente que fez, entre outras coisas, com que ocorressem no ano de 1949 seminários educativos organizados por jovens enviados pela Direção em quase todos os seus outros núcleos (Rio, Santos, Porto Alegre, Belo Horizonte, Niterói e Curitiba). Neste mesmo ano, a revista *Dror*, em seu primeiro número, afirmava que o Movimento no Brasil contava com 1500 membros<sup>39</sup>. Em linhas gerais, o Dror definia-se, já nessa época, como um movimento juvenil, judaico, sionista, socialista, *kibutziano*, educativo, cuja finalidade era preparar os jovens judeus para a vida coletiva do *kibutz* em Israel.

## 1.2. Estrutura do Movimento

O Dror, juntamente com outras instituições sionistas, era ligado a uma organização maior chamada Organização Sionista Unificada (ou Unificada Sionista) que, por sua vez, era o braço brasileiro da Organização Sionista Mundial (cujo órgão executivo responsável por coordenar as organizações sionistas nos diversos países do mundo, ligando Israel à Diáspora, era a Agência Judaica ou *Sochmut*, em hebraico). A Organização Sionista era um dos apoios financeiros e políticos do Movimento juvenil, mas, conforme a unanimidade dos depoimentos, não interferia na orientação ou nas atividades desenvolvidas pelos *chaverim*. Nas palavras de um ex-dirigente do Dror, *não lhes prestávamos conta ou recebíamos qualquer ordem deles*.